



**Universidade de Brasília**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação**

**Relatório Final do Projeto Pontes**

Componentes

Iveuta de Abreu Lopes  
Ana Paula Lima de Carvalho (Mestranda em Letras - UFPI)

**Brasília – DF**

**2013**

## **A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA**

### **Resumo**

Neste estudo, integrado à proposta básica do Projeto Pontes, objetivamos investigar, no contexto de sala de aula de língua portuguesa, de primeiro ano do ensino médio, as ações didático-pedagógicas relativas ao tratamento conferido ao tópico variação linguística. Elencamos, neste sentido, algumas perguntas pontuais para servir de eixo de pesquisa, quais sejam: O que se ensina sobre variação linguística? Quais estratégias didático-pedagógicas são utilizadas nas aulas de Português, para se trabalhar a variação linguística? Quais concepções sobre variação linguística estão subjacentes às práticas docentes nas aulas de português e nas atividades desenvolvidas? Como o preconceito linguístico é discutido nas aulas? A nossa base teórica centra-se nos pressupostos da sociolinguística e a pesquisa foi conduzida dentro de uma perspectiva qualitativa. O Público envolvido na pesquisa: duas professoras colaboradoras, ministrantes da disciplina Língua portuguesa, em duas classes de primeiro ano do ensino médio. O estudo foi conduzido numa unidade do Instituto Federal de Educação, na cidade de Parnaíba, situada a 350 km ao norte de Teresina, capital do Estado do Piauí. As análises apontam que a variação linguística é tema de discussão, em sala de aula, mas de forma que os aspectos teóricos sobrepõem-se ao aspecto do uso e que as estratégias utilizadas, apesar de adequadas ainda parecem pouco sistemáticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** língua; variação linguística; ensino.

## 1. APRESENTAÇÃO

É consenso entre os estudiosos que voltam os seus interesses para a observação do processo ensino-aprendizagem, notadamente, no nível básico de ensino, que o objetivo primordial do ensino de língua materna aos seus falantes é ampliar a competência comunicativa desses falantes.

Seguindo essa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) explicitam que o objetivo do ensino de língua portuguesa é

*Contribuir para que o educando domine o uso da língua, principalmente nas estâncias públicas, reconheça a diversidade lingüística em nossa sociedade e amplie sua competência discursiva para atuação nos diversos contextos sociais com igualdade de condição para o exercício pleno da cidadania. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998).*

Nesse objetivo vemos ressaltados aspectos como o domínio dos usos da língua, o reconhecimento da diversidade linguística e a ampliação da competência discursiva. Seguindo esse pensamento e considerando o eixo de orientação do projeto PONTES cuja proposta é *construir “pontes” entre o produto da pesquisa sistemática da Sociolinguística Educacional e a formação de professores.*, – nesse estudo focamos o nosso interesse em aspectos relativos ao ensino de variação linguística, por considerarmos a sua importância no contexto dos estudos da língua e da linguagem e por ser um tópico negligenciado ou apresentado de maneira que não leva a um reconhecimento efetivo de que a variação linguística é um fenômeno sistemático e constante entre os falantes, nas mais diversas situações de uso da língua. Além disso, pesquisas mostram que o ensino de Língua Portuguesa nas escolas ainda privilegia os saberes relacionados à tradição da gramática normativa em detrimento de outras habilidades necessárias à plena competência dos saberes relativos aos usos sociais da língua.

Assim, neste estudo, integrante do Projeto Pontes, nos propomos a investigar, no contexto de sala de aula de língua portuguesa, as ações didático-pedagógicas relativas ao tratamento conferido ao tópico variação linguística, enquanto conteúdo curricular e, em função de nossos objetivos, elencamos alguns questionamentos para nortear nosso trabalho: O que se ensina sobre variação linguística? Quais estratégias didático-pedagógicas são utilizadas nas aulas de Português, para se trabalhar a variação linguística? Quais concepções sobre variação linguística estão subjacentes às

práticas docentes nas aulas de português e nas atividades desenvolvidas? Como o preconceito linguístico é discutido nas aulas? Em suma: o nosso estudo está direcionado para uma compreensão **do que e como a escola aborda e ensina os conteúdos relativos à variação linguística.**

Público envolvido na pesquisa: duas professoras colaboradoras, ministrantes da disciplina Língua portuguesa em duas classes de primeiro ano do ensino médio, cada uma com 30 alunos. Temos, então, um total de 62 (sessenta e duas) pessoas envolvidas como colaboradoras. Os dados para esse estudo foram coletados em uma unidade do Instituto Federal de Educação, na cidade de Parnaíba, situada a 350 km ao norte de Teresina, capital do Estado do Piauí.

Espera-se, com esse estudo, trazer uma contribuição que possibilite provocar uma reflexão e, conseqüentemente, uma discussão sobre o tema em foco, trazendo elementos que possam argumentar em favor de uma atenção mais aprofundada do fenômeno da variação linguística em contextos de ensino.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Pesquisas e resultados de exames nacionais revelam que o ensino de Língua Portuguesa não vem cumprindo satisfatoriamente o seu papel no sentido de munir os alunos daquelas habilidades essenciais relativas aos usos sociais da leitura e da escrita. Essas discussões apontam, ainda, para o fato de que o ensino de Língua Portuguesa, nas escolas, ainda privilegia os saberes relacionados à tradição da gramática normativa em detrimento de abordagens que reconheçam e discutam a natureza heterogênea da língua.

Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) explicitam que

*No processo de ensino-aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental, espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania.*

*Para isso, a escola deverá organizar um conjunto de atividades que, progressivamente, possibilite ao aluno:*

*(...)*

- conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito lingüístico;*
- reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social como instrumento adequado e eficiente na comunicação cotidiana, na elaboração artística e mesmo nas interações com pessoas de outros grupos sociais que se expressem por meio de outras variedades;*

*(Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 32)*

Nesses objetivos, os PCN realçam o reconhecimento de diferentes variedades do Português e ressaltam a valorização da diversidade linguística o que, efetivamente, não vem acontecendo em contextos de ensino da língua materna, e da qual a instituição escolar deveria ocupar-se, também.

Nesse particular, temos presenciado uma atenção quase que exclusiva ao ensino da variedade da língua que desfruta de maior prestígio social, e que aponta para uma expectativa de que a língua que é objeto de ensino formal corresponde mais de perto a um padrão idealizado e almejado por todos.

As discussões têm avançado no sentido de não se negar a necessidade de se ensinar a norma linguística de prestígio, na escola, tendo em vista os fatores de natureza social e histórica e, neste sentido, Bortoni-Ricardo (2005, p. 56) assim se posiciona:

A aprendizagem da norma culta deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, que deverá aprender a empregar uma variedade ou outra, de acordo com as circunstâncias da situação de fala.

Para a pesquisadora, o ensino da variedade de prestígio deve favorecer a ampliação da competência comunicativa, já que esses saberes somam-se a outros dos quais o aluno já tem o domínio e significaria não apenas o conhecimento da norma mais prestigiada da língua, mas uma espécie de conscientização no que se refere às inúmeras possibilidades de diferentes situações comunicativas que suscitam diferentes comportamentos linguísticos para cumprir diferentes tarefas comunicativas.

Essa compreensão de língua e de ensino de língua encontra o seu principal apoio no ramo da Linguística que, sem dúvida, tem oferecido as mais frutíferas contribuições à educação, especialmente em se tratando de educação de classes menos privilegiadas socioeconomicamente, a Sociolinguística.

Para a Sociolinguística, a heterogeneidade linguística não pode constituir um problema educacional. Ao contrário, deve ser considerado e tratado no currículo escolar dos diversos níveis de ensino, inclusive da formação inicial e continuada de professores de Língua Portuguesa já que

A heterogeneidade em nossa língua, cujas origens remontam às desigualdades sociais vigentes desde o período colonial, está diretamente relacionada ao acesso que os grupos sociais têm à cultura letrada e hegemônica, cultivada principalmente pelas elites urbanas. Não se pode implementar uma política nacional eficiente de alfabetização sem que se leve em conta a variação

linguística distribuída ao longo do contínuo de urbanização e estratificada em função de renda e status sócio-econômico, pois a língua padrão neste país é basicamente associada a classe social (BORTONI-RICARDO, S.M., 2010, p.73).

Retomando-se, então, os objetivos do ensino de Língua Portuguesa, no tocante aos aspectos de variação linguística, vemos que um currículo de Língua Portuguesa, no ensino básico, não pode deixar de contemplar essa realidade linguística. A formação do profissional que atuará nos mais diversos níveis de ensino também é outro aspecto a ser considerado e, nesse tocante, um planejamento de trabalho que se volte para a observação efetiva dos usos das diversas variantes, desde a mais prestigiada até aquela mais informal, da escrita à falada. Dessa forma poderemos trabalhar com a ideia de ampliação de competência comunicativa, a partir de uma reflexão que leve nossos alunos a entenderem e a fazer ecoar na sociedade que a variação linguística nos proporciona oportunidades de escolhas, mas essas escolhas definem-se em função de fatores relacionados a valores sociais que estabelecem as regras relacionadas às interações sociais, inclusive as interações linguísticas. E a escola, pelo papel que desempenha na sociedade, deve incluir nas suas responsabilidades um reconhecimento efetivo da heterogeneidade linguística e utilizá-las em favor da sociedade.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS/ ANÁLISE DE DADOS**

Nesta pesquisa, nos concentramos em verificar **o que e como a escola aborda e ensina** os conteúdos de variação linguística, tomando a própria sala de aula como contexto de pesquisa. A investigação foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa, entendendo-a conforme Mason (1996), a partir de uma interpretação do mundo social. Em termos práticos, organizamos a pesquisa em três etapas: (1) fase exploratória; (2) trabalho de campo e (3) análise e tratamento do material empírico documental.

Definimos e delimitamos como objeto de investigação os diversos aspectos da variação linguística em situações específicas da sala de aula, enfatizando a interpretação dos processos de abordagem e apreensão desse fenômeno na condição de objeto de ensino escolar. O processo de pesquisa seguiu em função das etapas: seleção da escola e visitas iniciais à instituição; observação das aulas de língua

portuguesa; gravação de aulas. Transcrição das gravações e análise e interpretação dos dados constituíram a etapa seguinte.

Seguimos, então, o objetivo proposto e focamos o olhar no contexto em estudo a partir das questões acima arroladas, que constituíram o eixo da investigação.

A análise e interpretação dos dados coletados nos permitiram verificar o que segue.

As aulas em que o conteúdo variação linguística foi tratado, pelas duas professoras, partiam sempre de uma conversa inicial sobre o tema:

01 (P1) Então... na aula de hoje nós vamos refletir sobre o que são variedades linguísticas... quais fatores influenciam na variação de uma língua e os tipos de variedades que existem...ok... eu gostaria que vocês escrevessem... vamos lá... o que são variedades linguísticas... quais fatores influenciam na variação de uma língua e os tipos de variedades linguísticas... aquilo que você já tiver conhecimento pra gente ter uma ideia.

02 (P2) Então, nós vamos ver hoje a parte de variação linguística. É um assunto interessante, bem descontraído...vocês vão gostar, certo? Nós vamos ver um texto bem conhecido. Todos nós conhecemos esse texto...Vamos dar uma olhadinha em como o autor...É um texto literário, é uma música...Nós vamos ver como o autor lidou com a língua portuguesa, certo? Como foi que ele utilizou a língua portuguesa de um modo assim...bem particular. Deem uma olhadinha aí. Leiam. Quem quer ler?

Observamos o conteúdo variação linguística é abordado como um objeto teórico, um conteúdo teórico que seria um apêndice, sem que tenha havido, em outros momentos, na sala, uma retomada ou uma referência a ele. É, portanto, um conteúdo tratado isoladamente.

Observamos, ainda, que há uma concentração considerável na estruturas da língua, de forma isolada, e ressaltando aspectos que podem ser considerados estereótipos. Vejamos:

03 (P1) justamente, então... essas mudanças...elas... eu trouxe esse texto... só pra vocês verem que as mudanças elas podem ocorrer no plano vocabular, fonético, semântico, sintático e nem por isso vai... fazer com que agente deixe, com que nós deixemos de compreender o texto... a linguagem... ok?

Em uma das aulas, uma das professora inicia a discussão a partir da leitura de um texto, (ver 02, acima). A outra professora pede aos alunos que escrevam tudo que sabem sobre o tema e, em seguida, faz perguntas.

04 (P1) Pronto? Já terminaram? Bom... eu vou começar apontando nomes pra que digam o que foi que escreveram... o que são variedades linguísticas?

Observou-se que as professoras valem-se de estratégias semelhantes na condução da aula: fazem comentários, leituras de textos que apresentam aspectos de variação com linguagem que pode ser considerada estereotipada, fazem questionamentos segundo a abordagem que preferem seguir. Os alunos, por sua vez, participam intensamente das discussões e trazem contribuições pertinentes.

Os textos apresentados, como mencionamos, acima, trazem falas que apresentam variações estereotipadas e, nas discussões, as professoras tendem a relacionar as variedades que não se alinham àquela considerada norma de prestígio à pobreza e ao atraso social e econômico, notadamente, apontando em direção às regiões mais pobres do Brasil. Observemos a condução do tema pela Professora, após a leitura de um texto.

05 (P2) Qual é a profissão do eu lírico?

06 (Alunos) agricultor.

07 (Aluno) roceiro.

08 (P2) Trabalha na roça, né? Pela mensagem transmitida através da música, a gente percebe que o eu lírico é uma pessoa do sertão, da zona rural, né isso? Até mesmo pelas palavras utilizadas... Retire do texto expressões típicas da linguagem popular. Quais são as expressões? “oia”, “vortar”, “prantação”, “farta”... Vocês compreendem o que quis dizer a canção, isto é, houve comunicação ou nela há expressões “erradas” que dificultam o entendimento?

Um aluno faz a leitura do texto *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Em seguida, a professora faz uma série de questionamentos vinculando a variação linguística observada no texto à condição social do que ela nomeia de *eu lírico*. Isso nos leva a perceber que o estudo da variação por meio de um poema pode ser válido, num momento em que esse tema já tiver sido bastante discutido, e que a abordagem concorra para que não se vejam as variações como formas tão marcadas na language, o que não é o caso. O estudo da variação linguística poderiam ser encaminhado a partir de observações de situações reais de uso da língua como, por exemplo, estratégias de retextualização, utilização de textos dos mais diversos gêneros e observá-los comparativamente, não havendo, portanto, a recorrência de linguagens estereotipadas, que levam em conta a variação linguística como um fenômeno que deve ser observado, em situações de ensino, partindo-se de uma variedade de referência, no caso a variedade de prestígio.

No caso em questão, cremos que há indícios de preconceito contra aqueles que não falam a variedade de prestígio e um favorecimento para que esse preconceito acentue-se ainda mais. A variação é concebida como algo diferente, que não se



equipara a uma forma que pode ser vista como igual, provavelmente, diferente de uma variedade de prestígio, tal como assinala a professora:

09 (P2) "Nós entendemos a mensagem, mesmo ele tendo usado a língua de uma forma bem diferente."

A condução da discussão entre professoras e alunos, em cada uma das salas, parece produtiva e, neste sentido, vemos que chegam a levantar pontos importante como o tema *preconceito linguístico*. Observe-se, neste sentido, o trecho:

10 (P1) (...) Ontem nós falamos a respeito da variedade linguística, não foi? Da variedade linguística. Então, isso recai sobre essas pessoas que se julgam mais importantes, né? Que sentimentos elas têm em relação aqueles que não detêm esse conhecimento?

11 (Alunos) Preconceito.

12 (P1) Então, esse preconceito é denominado que tipo de preconceito? Preconceito... existe o preconceito racial, o religioso... e esse preconceito a que vocês estão se referindo, como é que nós devemos denominá-lo?

13 (Aluna) Preconceito da linguística

14 (P1) Pronto! Preconceito linguístico. E vocês já sentiram algum dia esse tipo de preconceito?

15 (Alunos) Já!

A discussão encaminhada em torno do tema pelas professoras revela aspectos importantes, que já significam um avanço se considerarmos que há bem pouco tempo um tópico como esse não era sequer levantado. Vemos, sem dúvida, que há uma preocupação primeira em levantar os fatores que podem ser determinantes para a variação linguística e os aspectos estruturais nos quais essa variação é mais perceptível. Temos de levar em conta, ainda, que observamos uma sala de 1º ano do ensino médio e as abordagens do tema parecem muito elementares.

#### 4. CONCLUSÃO

A análise dos dados da pesquisa realizada em sala de aula nos permitiu perceber que a variação linguística é ministrada como um conteúdo teórico delimitado, mostrado por meio de situações pouco reais no que se refere aos usos da língua. Trata-se de um conteúdo pontual, que não tem caráter de recorrência. Observe-se o que fala a professora: (P1) Então, vamos entender a sociolinguística como um estudo que vai analisar, investigar, estudar a língua no seu meio social, tá?

As atividades desenvolvidas em torno do tema e as estratégias para o desenvolvimento dessas atividades ainda que realizadas a partir de leituras de textos, diálogo entre os participantes, parecem não seguir uma agenda com um planejamento sistemático. Apesar de se perceber que há um esforço para que o tema seja posto em discussão, observa-se uma artificialidade, como se se tratasse de um apêndice, de um

conteúdo extra curricular. Consideramos, no entanto, que estamos diante de um avanço relativo ao ensino de língua no momento em que se abrem parênteses para discutir a variação linguística, mesmo que ainda de forma pouco sistemática.

## **REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO**

BORTONI-RICARDO, S.M. *Subsídios da Sociolinguística educacional*. Revista Educação, publicação especial nº 2. São Paulo: Editora Segmento, 2010, p. 62-77.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska R.; CASTANHEIRA, Salette F. *et alii*. *Formação do Professor como Agente Letrador*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; FREITAS, Vera Aparecida de L. Sociolinguística Educacional. In.: HORA, Dermeval da *et alii* orgs. *Abralin – 40 anos em cena*. João Pessoa: Editora UFPB, 2009, p.217-240.

**BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MASON, J. *Qualitative researching*. London: SAGE, 1996.